
FERNANDO LUÍS MACHADO
ANTÓNIO FIRMINO DA COSTA
JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

Instituto de Ciências da Universidade de
Lisboa e Instituto Superior de Ciências do
Trabalho e da Empresa

Identities e Orientações dos Estudantes

— Classes, convergências, especificidades

189

Com base em dados recolhidos através de inquérito por questionário, no âmbito de um «observatório permanente dos estudantes do ensino superior», o artigo ensaia a análise de alguns aspectos centrais dos seus quadros de valores e representações. Partindo do debate acerca da caracterização de classe

dos estudantes, analisam-se indicadores das respectivas identidades e orientações pessoais. Num primeiro momento, dá-se conta de convergências nos seus universos simbólicos e, em seguida, são referidas especificidades que permitem identificar, nesses universos, constatações diferenciadas.

EM trabalho anterior de publicação recente, onde se começaram a tratar os resultados de um inquérito por questionário, dizíamos, na procura de uma primeira definição⁽¹⁾, que o respectivo objecto de estudo se desdobra

1. Classes

«em torno da caracterização de classe dos estudantes do ensino superior, da caracterização de algumas dimensões dos seus sistemas de valores e representações, e das correlações entre estes dois grandes blocos de atributos sociais dos estudantes inquiridos. A análise aprofundada dos resultados pode contribuir para o exame de questões como a do lugar das instituições do ensino superior e da importância dos seus graduados nos processos de recomposição dos sistemas sociais contemporâneos, ou, a nível mais

(1) O projecto «Estudantes Universitários: Classes Sociais e Representações» tem decorrido no âmbito da disciplina de Sociologia das Classes Sociais e da Estratificação, da licenciatura de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) e insere-se também nas actividades do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE). Tem sido desenvolvido igualmente em ligação com o projecto de pesquisa sobre «As Classes Médias Urbanas em Portugal: Recomposição Social e Mudança Cultural», em curso no Instituto de Ciências Sociais (ICS), com apoio da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT).

Queremos manifestar o nosso agradecimento a todos os docentes e estudantes dos vários cursos que connosco colaboraram na recolha da informação.

específico, dos respectivos papéis nos fluxos de mobilidade e nos processos de reprodução e de transformação da estrutura social e da matriz cultural do país» (Almeida, Costa e Machado, 1988).

Trata-se agora de dar conta de outros níveis de exploração do material que se foi recolhendo, mas em que o instrumento conceptual classes sociais continua a ter lugar de relevo.

As teorias das classes sociais, nas suas várias versões, mais reducionista economicistas ou mais estruturalmente multidimensionais, tomam sempre como referência nuclear as relações dos protagonistas sociais com a esfera do trabalho. A esta centralidade teórica corresponde, no plano operatório, a importância atribuída à utilização de indicadores sócio-profissionais na caracterização das pertenças de classe. Consoante os autores, a complexidade da construção desses indicadores é maior ou menor e a respectiva utilização é ou não complementada com indicadores respeitantes a outras dimensões das relações sociais. Seja como for, a maioria dos estudantes não faz ainda parte da população activa, o que tem posto evidentes problemas à respectiva qualificação classista.

Três conceitos que enriquecem a análise — o de trajetórias de classe, o de famílias de classe e o de rede de relacionamentos de classe (Giddens, 1975; Bertaux, 1978; Bourdieu, 1979; Stewart, Prandy e Blackburn, 1980; Wright, 1985; Almeida, 1986) — podem ser aqui utilizados.

Admitamos, com diversos dos autores referidos, que, mais do que lugares sociais estatisticamente definidos, é teoricamente vantajoso e heurísticamente produtivo considerar as classes e fracções de classe como feixes de trajectos sociais — com um passado, um presente e um futuro virtual. Então, a caracterização de classe destes estudantes pode ser balizada por um conjunto de elementos observáveis. De entre estes destaca-se desde logo a frequência por todos eles de um curso médio ou superior. Tal frequência conduz, de forma modal, a um leque especificável de lugares de classes: burguesia e, predominantemente, pequena burguesia técnica e de enquadramento (Almeida, Costa e Machado, 1988). A trajetória escolar, neste caso a passagem por níveis elevados de ensino, indicia assim os contornos de um conjunto relativamente convergente de trajetórias de classe — ao mesmo tempo que faz prever distribuições diferenciadas das futuras inserções no interior daquele leque de virtualidades modais, dadas as características diversas de cada um dos cursos.

Outros elementos que procurámos operacionalizar para a construção das trajetórias, famílias e redes de relacionamento de classe dos estudantes inquiridos foram: a origem

social (classe do grupo doméstico de origem); a actual inserção sócio-profissional do estudante (no caso de ele ser também trabalhador); a inserção sócio-profissional e a escolaridade do cônjuge (no caso de ser casado); a inserção sócio-profissional e a escolaridade de irmãos e amigos.

No espaço deste artigo apenas podemos dar conta (ver Quadro 1) dos resultados referentes à classe dos grupos domésticos de origem ⁽²⁾.

As verificações mais salientes que decorrem do Quadro 1 são: a) a de que estes estudantes provêm de todas as classes sociais; b) a de que as distribuições das origens de classe apresentam variações de curso para curso, não deixando no entanto de evidenciar um padrão genérico do mesmo tipo em praticamente todos eles; c) a de que a origem de classe predominante é a pequena burguesia e, dentro desta, a pequena burguesia técnica e de enquadramento, a mais dotada de diplomas do ensino médio e superior e com maiores recursos de qualificação profissional e/ou autoridade hierárquica na divisão social do trabalho; d) a de que a reprodução alargada das classes (Poulantzas, 1974), a limitação da mobilidade no acesso à posse dos principais tipos de possibilidade de mercado (propriedade dos meios de produção, posse de qualificações técnicas e educacionais, posse de força de trabalho manual), isto é, a estruturação mediata das classes (Giddens, 1975), as estratégias de reprodução (Bourdieu, 1979) ou as estratégias de fecho (Parkin, 1979) das classes sociais, conforme se prefira, continuam a ser um facto pesado, se se atender a que, no conjunto de estudantes analisado, estão enormemente sobre-representados os oriundos da burguesia e da pequena burguesia técnica e de enquadramento e claramente sub-representados os filhos de famílias operárias, por comparação com os pesos numéricos destas classes e frac-

(2) Os resultados indicados têm por base a aplicação de um questionário a todos os alunos presentes nas turmas do primeiro ano de cada um dos cursos e, em alguns casos, também do último ano. A aplicação decorreu entre 1985/86 e 1987/88 num total aproximado de mil e duzentos inquiridos. Alguns dos quadros seguintes, por questões de homogeneização dos dados, referem-se apenas a um sub-conjunto de cerca de setecentos estudantes.

As classes e fracções de classe aqui utilizadas são uma versão agregada de uma tipologia mais fina contendo duas fracções de classe na burguesia, sete fracções de classe na pequena burguesia e quatro fracções de classe no operariado. Duas das designações de fracções de classe são usadas no Quadro 1 em sentido amplo, englobando outras fracções de classe da tipologia mais extensa. Assim, a «pequena burguesia de execução» inclui também a «pequena burguesia parcial», e na «pequena burguesia proprietária» inclui-se também os valores da «pequena burguesia assalariada e proprietária», do «campesinato» e do campesinato parcial.

Os fundamentos teóricos, as tipologias classificatórias, os critérios de construção das categorias de classe (para os indivíduos e para os grupos domésticos) e os indicadores utilizados são expostos em Almeida, Costa e Machado (1988).

QUADRO 1

Classe dos grupos domésticos de origem (%)

CURSOS		GESTÃO ISCTE (N = 334)	SOCIOLO- GIA ISCTE (N = 300)	ANTROPO- LOGIA ISCTE (N = 29)	SOCIOLO- GIA UNL (N = 81)	ANTROPO- LOGIA UNL (N = 46)	COMUNI- CAÇÃO UNL (N = 63)	ENG. INFOR- MÁTICA UNL (N = 20)	GEOGRA- FIA UL (N = 79)	PSICOLO- GIA UL (N = 71)	FARMA- CIA UTL (N = 111)	ESCOLA NÁUTICA (N = 28)
BURGUESIA		20,7	15,0	3,4	14,8	19,5	23,8	15,0	8,9	14,1	16,2	7,1
	PEQUENA BURGUESIA TÉCNICA E DE ENQUADRAMENTO	30,8	28,7	44,8	28,4	32,6	20,6	60,0	35,4	42,3	36,9	21,4
	PEQUENA BURGUESIA DE EXECUÇÃO	20,7	24,3	20,7	17,3	13,0	15,8	—	20,3	18,3	17,1	10,7
	PEQUENA BURGUESIA PROPRIETÁRIA	15,3	19,0	24,1	22,2	17,4	17,4	15,0	12,7	12,6	24,3	25,0
PEQUENA BURGUESIA		66,8	72,0	89,6	67,9	63,0	53,8	75,0	68,4	73,2	78,3	57,1
OPERARIADO		12,6	13,0	6,9	17,2	17,4	22,2	10,0	22,8	12,7	5,4	35,7

ções de classe na estrutura social portuguesa (Almeida, Costa e Machado, 1988; Ferrão, 1985).

Neste artigo ensaia-se uma análise de alguns aspectos centrais dos quadros de valores e representações dos estudantes universitários, segundo duas perspectivas cuja distinção e complementaridades nos foram sugeridos pela própria evidência empírica disponível. Num primeiro momento, dá-se conta de convergências nos universos simbólicos, independentemente dos cursos, do sexo, da idade e da origem de classe dos estudantes. Em seguida, refere-se algumas especificidades que, sobrepondo-se aos denominadores comuns encontrados, permitem identificar constelações diferenciadas de valores e representações.

193

Mediando as relações entre conjuntos de condições objectivas de inserção dos actores sociais e as práticas por eles desenvolvidas, as motivações, as expectativas, as representações e os valores de que esses actores são portadores constituem-se como quadros de referência, a um tempo moventes e dotados de plasticidade. Esses quadros de referência manifestam-se a vários níveis interligados, níveis que Anthony Giddens (1984) designa por «consciência discursiva», «consciência prática» e «inconsciente». Ainda segundo Giddens, o significado sociológico da mediação que assim é operada passa por aquilo que designa por «dualidade da estrutura». Os actores sociais têm incorporados nos seus quadros de valores e representações as próprias condições estruturais em que vivem e, por isso, esses quadros não são arbitrários na sua configuração; mas, ao mesmo tempo, as condições estruturais incorporadas não são senão o resultado da própria acção social e do sentido que nela investem os seus protagonistas, portadores de uma «auto-reflexividade» sempre potencialmente inovadora.

2. Convergências

A importância desta dimensão simbólica da vida social está, portanto, desde logo, no seu carácter gerador. Gerador de sentido na acção, gerador de conhecimento e de reconhecimento de identidades e diferenças de posições e disposições no espaço social e gerador de afinidades electivas e de distâncias sociais nas relações que nesse espaço se estabelecem.

A sua captação sociológica, se não pode perder de vista a estreita relação de tais quadros de valores e representações com as condições sociais e históricas em que são produzidos, e de que eles são, necessariamente, uma expressão, não pode igualmente deixar de os pensar como uma dimensão que se constitui, ela própria, como produtora da vida social.

As relações entre estes dois níveis de extrema complexidade em cada momento histórico e socialmente localizado, só

podem ser convenientemente pensadas se, no seu equacionamento, introduzirmos ainda as variáveis de natureza biográfica resultantes das trajectórias colectivas e individuais dos actores. De facto, funcionando os quadros de valores e representações como matrizes de leitura do real, o seu movimento vai de par com o próprio movimento dos actores no espaço social conjugando-se os dois movimentos, justamente, no que se designa por trajectórias sociais.

Porém, os espaços de possibilidade de tais trajectórias não são indeterminados nem totalmente imprevisíveis, mas, antes, configurados pelas próprias condições reunidas e incorporadas no seu ponto de partida e ao longo do seu desenvolvimento. Partindo de condições socialmente estruturadas, as trajectórias colectivas e individuais dos actores são, elas próprias, um factor de estruturação social, estruturação que, justamente, pode ser visível no plano das representações e valores que os actores transportam consigo.

É por terem carácter estruturado e estruturante que as dimensões simbólicas da vida social podem ser pensadas como quadros de valores e representações no mesmo sentido em que Bourdieu (1979) fala do «habitus» como um «sistema de disposições» e como «matriz de percepções, apreciações e acções».

A possibilidade de captação analítica dos quadros de valores e representações joga-se, então, na sua relativa coerência e durabilidade que faz que, apesar da multidimensionalidade das inserções sociais e da pluralidade de contextos de acção, seja legítimo esperar encontrar eixos transversais orientando e condicionando as práticas que os diversos actores aí desenvolvem.

A concretização destes objectivos analíticos, no contexto limitado da pesquisa empreendida, passou pela construção de alguns indicadores sintéticos visando a identificação de linhas estruturadoras dos quadros de valores e representações dos estudantes universitários.

Dá-se aqui conta de três desses indicadores, que se dirigem a planos distintos mas articulados. Um deles refere-se a colectivos, grupos e contextos de pertença social; outro a esferas de realização pessoal; um terceiro, a factores de equacionamento de projectos de vida.

Relativamente às pertenças dos estudantes, o indicador utilizado estava formulado do seguinte modo: «cada pessoa sente que **pertence** a conjuntos mais vastos, em relação aos quais, por vezes, se refere usando a palavra 'nós'. A quais dos seguintes conjuntos sente que pertence mais fortemente?»

A característica mais saliente dos resultados obtidos é a forte concentração de respostas (de 37,1 a 46,2) num conjunto

QUADRO 2

Pertenças (%)

HUMANIDADE	40,4	GRUPOS DE AMIGOS	37,1	COLECTIVIDADE	2,8
EUROPA	5,9	EMPRESA OU ORGANIZAÇÃO	3,4	CORRENTE DE IDEIAS	10,1
PAÍS	37,1	TERRA DE NATURALIDADE	6,8	GRUPO DE IDADES	19,4
REGIÃO	5,4	ESCOLA	8,1	SEXO	10,8
TERRA ONDE SE VIVE	4,1	CURSO	25,2	PROFISSÃO	7,8
BAIRRO	1,3	PARTIDO POLÍTICO	2,5	CAMADA, CATEGORIA OU CLASSE SOCIAL	4,2
FAMÍLIA	46,2	IGREJA OU ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA	6,2	CLUBE DESPORTIVO	4,2

(N = 706)

restrito de pertenças polarizadas: por um lado, a «humanidade» e o «país», remetendo para círculos de identidade muito amplos e, por outro, a «família» e o «grupo de amigos», círculos quotidianos e restritos de relações sociais.

A maior parte das pertenças possíveis tem valores abaixo dos 10%, registando algumas delas valores muito baixos: é o caso da «colectividade» (2,8), do «partido político» (2,5), do bairro (1,3). Há, ainda, um conjunto de valores intermédios, onde é de assinalar o «curso» (25,2) e o «grupo de idades» (19,4).

No que toca a esferas de realização pessoal o indicador utilizado foi o seguinte: «há diversos aspectos da vida social em que se pode obter realização pessoal. Indique o grau de importância que atribui a cada um dos seguintes aspectos».

Neste segundo segmento de análise é de destacar que, uma vez mais, certas dimensões da vida social são um alvo preferencial de uma maioria muito significativa das respostas, ao passo que outras aparecem reduzidas a uma mínima expressão. Por outro lado, tornam-se evidentes, quer numas quer noutras, fortes linhas de continuidade em relação às pertenças assinaladas. Assim, o valor assumido pela «vida afectiva» (88,0) está, certamente, em continuidade com a importância que, no plano das pertenças, se atribui ao grupo de amigos e, sobretudo, à família, a qual também aqui assume uma expressão elevada (59,9).

QUADRO 3

Esferas de realização pessoal (%)

PROFISSÃO	84,6	POLÍTICA	4,0
VIDA AFECTIVA	88,0	RELIGIÃO	6,7
SEXO	33,1	ARTE	21,1
FAMÍLIA	59,9	DESPORTO	15,4
LAZER	24,6		

(N = 706)

A «profissão», por seu lado, surge como a segunda esfera de realização pessoal mais importante (84,6). Apesar dessa importância, a esfera profissional não parece, no entanto, produzir identidades colectivas muito fortes já que o «grupo profissional» só foi referida como pertença por 7,8% dos estudantes. Tal discontinuidade não é surpreendente se pensarmos que estes, na sua maioria, não têm actualmente uma inserção profissional, e mesmo os estudantes-trabalhadores, dado o carácter provisório que certamente atribuem à sua situação profissional actual, não a reconhecerão como pertença forte.

Por outro lado, as dimensões de realização menos pontuadas encontram-se amplamente sobrepostas às pertenças que pouco foram reconhecidas como tal: é o caso da política (4,0) e da religião (6,7). De notar, ainda, a importância relativa de algumas dimensões que alcançam valores intermédios: o sexo (33,1), a arte (21,1) e o desporto (15,4).

Finalmente, vejamos o peso de um conjunto diferenciado de factores de equacionamento de projectos de vida. O indicador utilizado foi: «em que medida, ao equacionar para si próprio os seus projectos de vida, toma mais ou menos em consideração os interesses das seguintes pessoas ou meios».

Encontra-se, aqui, um espectro de respostas que estabelece claras linhas de continuidade com as pertenças e as esferas de realização pessoal identificadas atrás. Continuidade positiva, pelos valores que assume a «família» (50,6), o(a) «namorado(a)/cônjuge» (48,3), os «filhos» (29,0), o «grupo de amigos» (27,2), e continuidade negativa no que diz respeito aos «partidos e associações políticas» (1,4) e às «associações religiosas» (3,4) que surgem entre os factores de equaciona-

QUADRO 4

Factores de equacionamento de projectos de vida (%)

FAMÍLIA	50.6	COLEGAS DE UNIVERSIDADE	10.1
CLASSE SOCIAL	4.2	PAÍS	13.6
GRUPO ÉTNICO	1.4	NAMORADO(A)/CÔNJUGE	48.3
VIZINHANÇA	0.6	FILHOS	29.0
GRUPOS DE AMIGOS	27.2	PARTIDOS E ASSOCIAÇÕES POLÍTICAS	1.4
COMPANHEIROS DE TRABALHO	14.7	ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS	3.4

(N = 706)

mento de projectos de vida menos importantes, juntamente com a «classe social» (4,2), o «grupo étnico» (1,4) e a «vizinhança» (0,6). Num plano intermédio vêm os «companheiros de trabalho» (14,7), o «país» (13,6) e os «colegas de universidade» (10,1).

O que nos dizem estes indicadores sobre os quadros de valores e representações dos estudantes universitários?

Uma evidência imediata é a de que esses quadros de valores e representações são marcados por convergências muito acentuadas, ou seja, há determinados valores que surgem como amplamente partilhados por maiorias significativas de estudantes de diferentes cursos, independentemente do sexo, da idade ou da origem de classe. Estes resultados são aliás concordantes com os encontrados por vários estudos recentes sobre valores, de âmbito comparativo internacional (ver, por todos, Harding, Phillips e Fogarty, 1986).

Essas convergências são positivas e negativas. As primeiras assinalam como zonas comuns dos «sistemas de disposições» dos estudantes, a esfera afectiva (família, namorado(a)/cônjuge, amigos) e a esfera profissional. Entre as segundas, as mais significativas são as que revelam uma desvalorização generalizada da dimensão religiosa e política nas orientações de vida.

Importa notar, aqui, o modo como se sobrepõem e mutuamente se confirmam os diferentes indicadores empíricos

utilizados. Apesar de haver entre eles, à partida, uma estreita ligação, não deixam, no entanto, de se dirigir claramente a zonas diferentes dos quadros de valores e representações dos estudantes. A comprová-lo está o facto de se encontrarem, para uma mesma dimensão, valores muito diferentes conforme se trata de pertenças, de equacionamento de projectos de vida ou da realização pessoal. É o caso do «país» que, sendo reconhecido como uma das principais pertenças, já não é considerado com importância equivalente no equacionamento dos projectos de vida.

Porém, o que é mais saliente é que, nos valores altos, algumas dimensões estão sempre presentes, quer se trate de pertenças, de realização pessoal ou de equacionamento de projectos.

Vale a pena, em todo o caso, ter em atenção que as convergências aqui identificadas não significam que, para os estudantes universitários, as expressões «família», «vida afectiva», «profissão», «amigos», por um lado e, por outro, «partidos» e «associações religiosas» recubram exactamente os mesmos conjuntos de representações e, portanto, com toda a verosimilhança, também os correspondentes comportamentos.

Note-se que os indicadores utilizados não se dirigiram à captação dos **tipos** de representações de família, vida afectiva, amizade, religião e política, de que são portadores aqueles estudantes. Se assim fosse, certamente se encontrariam diferenças significativas, expressando quer as suas biografias e trajectórias sociais, quer as suas orientações de vida.

Não é por a família ser generalizadamente considerada como a pertença mais decisiva para a realização individual e para o equacionamento de projectos de vida que se deve deixar de atender à realidade das diferenças inter e intra-classistas das famílias de pertença dos estudantes. Nem o facto de a afectividade ser reconhecida como esfera decisiva de realização pessoal quer dizer que ela deixe de ser vivida de forma diferente por indivíduos situados em zonas diversas do espaço social e cultural. Relativamente à profissão, ela é, pela sua centralidade nas sociedades contemporâneas, uma inserção fortemente diferenciadora de posições e disposições, onde se investem as estratégias e interesses dos actores sociais e se projectam as limitações e possibilidades objectivas colocadas pelos seus quadros de vida. Assim, os resultados obtidos a este nível, longe de traduzirem qualquer homogeneização dessas diferenças, podem simplesmente significar o reconhecimento, pelos estudantes, daquela centralidade e do carácter diferenciador da divisão social de trabalho.

Relativamente às convergências negativas, elas parecem confirmar, no plano simbólico do universo dos estudantes, a

laicização das sociedades contemporâneas com a correspondente desvalorização difundida da política e da religião. Porém, tal como acontece com as convergências positivas, não deixará de haver uma diversidade de razões e significados investidos nessa desvalorização.

Deve, por último, ser assinalado que uma linha auxiliar para o estudo de todas estas convergências passa pela própria composição social do universo analisado e pelas características da inserção actual dos estudantes.

Temos, desde logo, as origens de classe. Embora não seja possível isolar a influência imediata de tais origens sobre os seus quadros de valores e representações, importa não esquecer as consideráveis proximidades dos espaços sociais de proveniência da grande maioria dos estudantes.

Como se pôde ver no ponto anterior, há nos diferentes cursos uma forte concentração de originários da pequena burguesia (de 50% a quase 90%), nomeadamente das fracções detentoras de diplomas universitários, competências técnicas e poderes de enquadramento, que, tal como acontece com a burguesia, se encontram largamente sobrerrepresentados por referência à composição global da população portuguesa. Os oriundos do operariado e, sobretudo, do campesinato, encontram-se, por seu lado, claramente subrepresentados.

Além disso, a compreensão das convergências encontradas poderá passar, em parte, quer pela proximidade de destinos virtuais dos estudantes e pela «socialização antecipatória» que a passagem pela universidade não deixará de implicar, quer pelos efeitos de homogeneização que a sociabilidade quotidiana na universidade, e a sua própria lógica institucional de funcionamento, certamente produzem sobre alguns aspectos dos quadros de valores e representações dos estudantes.

Mas será que esses quadros de valores e representações se caracterizam, apenas, por tão fortes convergências de percepção e apreciação? A evidência empírica disponível permite-nos dizer que não. Sobrepostas a essas convergências podem ser encontradas significativas especificidades, elas próprias reveladoras de diferenças internas a esses quadros de valores. Assim se torna possível balizar, e ajudar a precisar, o significado dos seus traços comuns.

Existe, no pensamento sociológico, uma grande quantidade de importantes contributos para o estudo daquilo a que autores clássicos chamaram «ideologias» (Marx), «representações colectivas» (Durkheim), «sistemas de classificações» (Durkheim e Mauss), «sentido da acção» e «esfera cultural» (Weber). Clássicas são já também as «sociologias do conhecimento» como a de Mannheim ou a de Berger e Luckmann,

as teorizações de Parsons sobre o «sistema cultural» e as «orientações da acção», ou a formalização de Gurvitch sobre os «quadros sociais do conhecimento», para mencionar apenas alguns exemplos. Com estas propostas conceptuais e com as de sociólogos mais recentes que nelas directa ou indirectamente se filiam, convergem os desenvolvimentos de áreas disciplinas vizinhas. Vale a pena salientar a importância dos contributos das várias escolas da antropologia social e cultural para o estudo das dimensões culturais do social (crenças, mitos, símbolos, sistemas de classificações), da linguística estrutural, da semiótica e das análises da comunicação, da história das mentalidades, da psicologia freudiana e piagetiana e dos trabalhos da psicologia social sobre atitudes, valores e representações.

Apesar do inegável interesse de todos estes filões, as ciências sociais estão longe ainda de disporem de uma gama de conceitos, teorias e modelos analíticos capazes de captarem de forma satisfatória a espessura complexa e plástica da dimensão simbólico-ideológica do social, assim como de estabelecerem proposições teóricas bem fundamentadas sobre as articulações entre as configurações culturais e os sistemas de disposições incorporadas, por um lado, e sobre as relações entre a esfera das classificações, representações e valores e as restantes dimensões das estruturas e das práticas sociais, por outro.

As propostas atrás referidas de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens fornecem, sobretudo quanto a estes últimos aspectos, referências teóricas de base e pistas interpretativas de valor inestimável. No entanto, a construção de quadros conceptuais operacionalizáveis para a recolha e análise de informação empírica sobre valores e representações dos estudantes obrigou a procurar contribuições complementares, de diferente natureza.

Foram aqui úteis, principalmente, os seguintes tipos de referências: a) listas de indicadores utilizados em investigações empíricas extensivas e comparativas sobre valores, desde as muito utilizadas escalas de Rokeach (1973) até aos inquéritos «Euro-Barómetro» (Stoetzel, 1983; Harding, Phillips e Fogarty, 1986); b) tipologias formais de grandes eixos segundo os quais se podem estruturar os sistemas de valores e representações, quer as contidas em obras de elaboração teórica de elevada abstracção, como as famosas «variáveis-padrão» de Parsons (1951), quer as que surgem em trabalhos empíricos, como os estudos sobre «estilos de vida» de Cathelat (1985); c) análises sobre os quadros de valores e modelos culturais que tendam a configurar-se nas sociedades contemporâneas, como as de Inglehart (1977), Offe (1985) ou Habermas (1985).

Se os indicadores utilizados no questionário, do tipo dos ainda agora mencionados na alínea a), produziram resultados globalmente convergentes (como se mostrou no ponto anterior), já a confrontação dos inquiridos com indicadores construídos segundo a lógica dos referidos nas alíneas b) e c) conduziu à identificação de interessantes especificidades na repartição dos estudantes por quatro modelos de orientação de vida, equacionados em termos de realização pessoal. Perguntava-se-lhes com qual deles mais se identificavam. No Quadro 5 transcreve-se a fórmula utilizada para operacionalizar cada um dos quatro modelos e mostra-se os resultados percentuais obtidos para o conjunto dos estudantes entrevistados. Na representação gráfica deu-se aos modelos designações que evidenciam a respectiva posição segundo o cruzamento de dois eixos: «auto-centramento/sócio-centramento» e «quotidiano/projecto».

QUADRO 5

<p>quotidiano auto-centrado (22,7)</p> <p>«Usufruir sem preocupações e com prazer o dia-a-dia, sem que a sua independência individual seja posta em causa e garantindo as condições materiais que o permitam».</p>	<p>(21,0) projecto auto-centrado</p> <p>«Investir quotidianamente no sentido de vir a alcançar uma situação de bem estar estável e duradoura fazendo que a sociedade gratifique a sua determinação e o seu espírito de iniciativa».</p>
<p>«Viver intensamente o dia-a-dia, tendo o sentido permanente da sua participação, solidariedade e partilha com os outros em todas as esferas da vida quotidiana».</p> <p>quotidiano sócio-centrado (34,4)</p>	<p>«Contribuir para o desenvolvimento e a melhoria do mundo em que vive, através da sua acção nos vários aspectos do quotidiano, fazendo que os seus pontos de vista e as suas capacidades pessoais tenham um papel na construção colectiva do futuro».</p> <p>(21,9) projecto sócio-centrado</p>

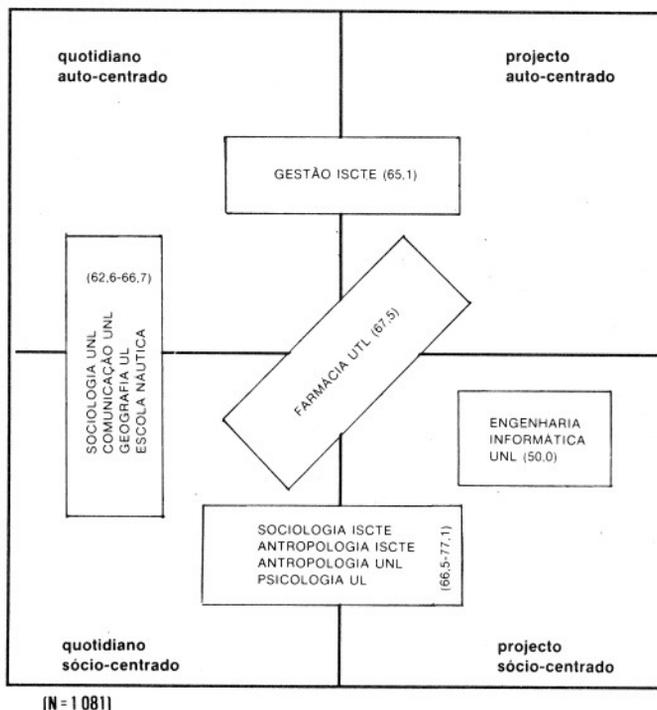
(N = 1081)

Num conjunto de 1081 inquiridos, pertencentes a 11 cursos, o modelo «quotidiano sócio-centrado» aparece com valores algo superiores aos outros três. Mas o mais interessante é

que para todos os modelos de orientação de vida há um número muito significativo de estudantes que com eles preferencialmente se identificam. Ou seja, este indicador discrimina, com grande amplitude e clareza, versões específicas dos sistemas de valores e representações dos estudantes.

A variação por cursos é muito acentuada, formando-se geralmente em cada um deles «perfis contíguos» (coexistência de dois modelos contíguos segundo um dos eixos, somando uma grande maioria de preferências). Num curso encontrou-se um «perfil diagonal» (polarização em dois modelos situados em lados opostos de ambos os eixos). E noutro caso observou-se um «perfil focalizado» (metade ou mais dos inquiridos situando-se num só dos quadrantes). É o que se procura representar graficamente no Quadro 6⁽³⁾.

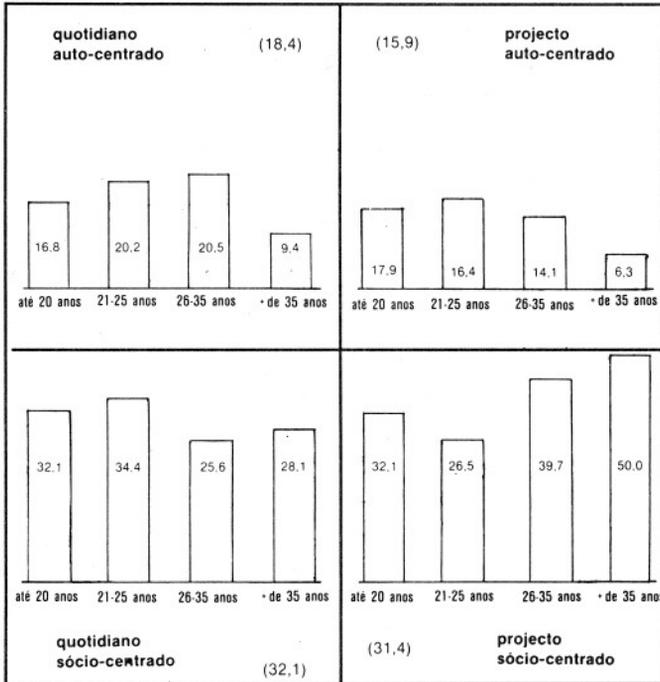
QUADRO 6



⁽³⁾ Os valores numéricos do Quadro 6 indicam o total (no caso de um curso só com um determinado perfil) ou o intervalo de variação (no caso de vários cursos com o mesmo tipo de perfil) percentual do modelo (perfil focalizado) ou do somatório de dois modelos (perfis contíguos e diagonais) com um número de ocorrências igual ou superior a cinquenta por cento.

A escolha de cada um dos modelos revelou-se também muito sensível à idade dos inquiridos. O cruzamento da variável «modelo de orientação de vida» com a variável «idade», num sub-conjunto de 706 estudantes, pertencentes a 10 cursos, dá os resultados expressos no quadro 7.

QUADRO 7



(N = 706) (até 20 anos: 37,1%; 21-25: 44,9%; 26-35: 11,0%; mais de 35 anos: 4,5%)

Comparando a maneira como os estudantes de cada escalão etário se repartem pelos quatro modelos com os valores globais da mesma repartição do conjunto dos inquiridos, a conclusão mais nítida é a da enorme preponderância que, entre os estudantes mais velhos, assume o «projecto sócio-centrado». Tal facto, apesar de sujeito a caução, dado o reduzido número de efectivos desse escalão etário no sub-universo aqui analisado, sugere a confluência de efeitos de ciclo de vida com os deixados nos sistemas de disposições e nos quadros de valores por conjunturas históricas marcantes — como, por exemplo, o 25 de Abril — atravessadas pelos estudantes dos grupos etários mais elevados em fase da vida já propiciadora do estabelecimento, com tais conjunturas, de

uma rica gama de relações plenas de significado. Infelizmente, a evidência empírica de momento disponível nada permite dizer de seguro quanto ao peso relativo de cada um daqueles dois factores (ciclo de vida e geração) nem quanto às modalidades da respectiva inter-influência. Num plano mais metodológico, o que valerá a pena assinalar é que uma variável aparentemente tão despojada como a idade se revela afinal indicador poderoso, em que se condensam sinteticamente múltiplas dimensões das trajectórias pessoais dos protagonistas sociais — não fazendo, aliás, sentido tentar interpretar os resultados empíricos a que essa variável conduz sem tomar em conta toda essa inerente associação complexa de dimensões estruturadoras das trajectórias sociais.

Podemos agora interrogar-nos sobre o contraste entre as convergências verificadas no ponto 2. e a capacidade discriminadora revelada pelos modelos de orientações de vida. Limitaremos as nossas conjecturas a sugerir que é possível estarmos perante dois níveis de constituição dos sistemas de valores e representações dos estudantes.

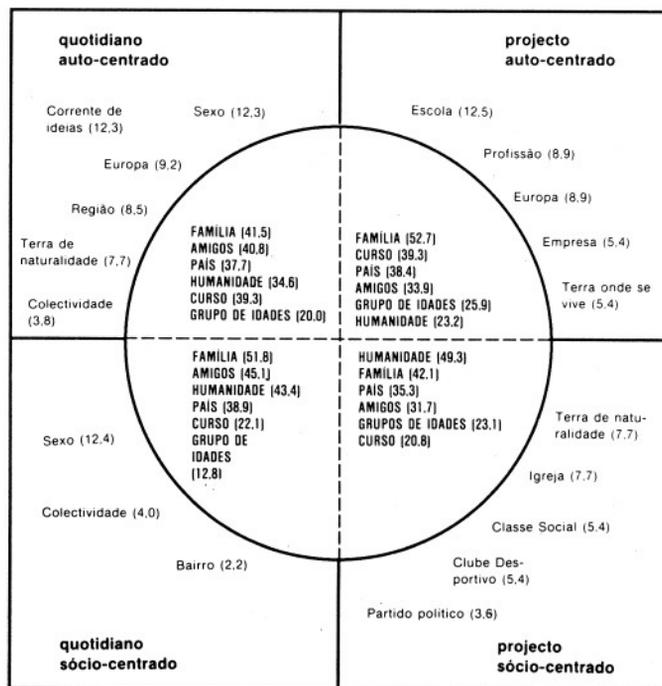
A primeira série de indicadores analisada — aquela que conduz a resultados tendencialmente convergentes — parece ser mais capaz de captar um conjunto de elementos que constituem como que um «mapa valorativo-cognitivo» fortemente partilhado pelas diferentes configurações simbólico-ideológicas de que os estudantes são portadores. Pelo seu lado, os indicadores de modelos de orientação de vida parecem dar sobretudo conta de um outro tipo de componentes da estruturação dos sistemas culturais, desta feita mais da ordem dos «operadores» do que do «vocabulário». Neste plano analítico, como vimos, os estudantes repartem-se em agrupamentos com especificidades nítidas.

Trata-se, em ambos os níveis, de complexos valorativo-cognitivos. Mas, no caso dos quatro «modelos», a integração das orientações valorativas com as orientações cognitivas surgiria comandada pela lógica do valorativo, enquanto nos elementos simbólicos «vocabulares» seria a lógica cognitiva a aparecer como predominante.

Como se entrelaçam estes dois tipos de fios estruturadores dos sistemas simbólico-ideológicos, tal trama e urdida na tecelagem de configurações culturais específicas? Quais os resultados do accionamento, por parte dos estudantes, de gramáticas operatórias claramente diferenciadas entre si, fazendo ao mesmo tempo recurso a vocabulários simbólicos semelhantes? Que matrizes dos reportórios culturais partilhados se geram e se revelam a partir do respectivo agenciamento pelos diversificados vectores de disposições características dos quatro modelos de orientação de vida?

Veamos então, agora, a sobreposição destes modelos de orientação de vida com os indicadores de pertença, realização pessoal e equacionamento de projectos. Podemos encontrar, também aqui, algumas especificidades no modo como estes indicadores se distribuem pelos quatro modelos definidos. Assim, enquanto a afectividade (englobando a família, o namorado(a)/cônjuge, os amigos e os filhos) e a esfera profissional, devido aos altos valores alcançados, aparecem como traços comuns aos quatro modelos; já as dimensões de importância intermédia e os de pouca importância se distribuem por esses modelos formando algumas constelações de valores e representações onde se pode reconhecer sentido e coerência interna.

QUADRO 8



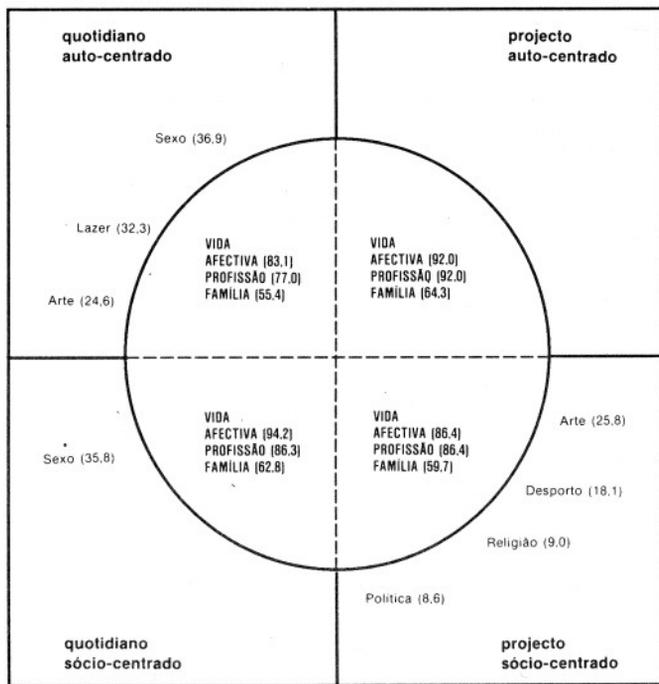
(N = 706)

Na distribuição das pertenças, verifica-se que é no projecto auto-centrado que a «escola» (12,5) e a «profissão» (8,9) tomam os valores mais elevados, enquanto a «igreja» (7,7) e o «partido político» (3,6), genericamente considerados de pouca importância, são mais referidos no quadro do projecto sócio-centrado.

Se analisarmos, também, os intervalos de variação das escolhas mais frequentes, podemos encontrar alguns resultados significativos. Por exemplo, a «família» toma o seu valor máximo no quadro do projecto auto-centrado (52,7), e a «humanidade» assume maior expressão no projecto sócio-centrado (49,3). Quer uma quer outra assumem os valores mais baixos — 41,5 e 34,6, respectivamente —, no quotidiano auto-centrado. Por outro lado, é no quotidiano sócio-centrado que o «grupo de amigos» é mais referido (45,1).

206

QUADRO 9

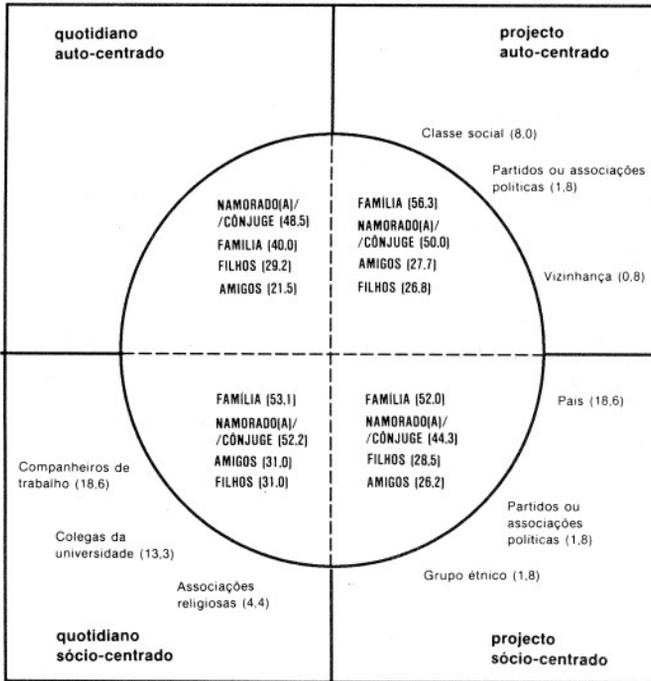


(N = 706)

Relativamente às esferas de realização pessoal, é de referir que o «sexo» (36,9) e o «lazer» (32,3), esferas que, em termos gerais, têm um valor intermédio (ver ponto 2), se associam preferencialmente a um quotidiano auto-centrado. Por outro lado, e tal como acontece com as pertenças, é também no quadro do projecto sócio-centrado que a «política» (8,6) e a «religião» (9,0) tomam valores menos baixos. Quanto aos intervalos de variações das três esferas de vida consideradas mais importantes há, mais uma vez, associações significativas.

Assim, o valor máximo atribuído à «vida afectiva» (94,2) surge no quotidiano sócio-centrado, onde se situa, em contrapartida, o valor mínimo da «família» (55,4). Esta, uma vez mais, toma o valor mais elevado (64,3) no projecto auto-centrado.

QUADRO 10



(N = 706)

Finalmente, e no que toca aos factores de equacionamento de projectos de vida, nota-se que «os partidos e as associações políticas» só ganham expressão, ainda que mínima, novamente no projecto sócio-centrado, enquanto «companheiros de trabalho» e «colegas de universidade» se localizam preferencialmente no quadro de um quotidiano sócio-centrado. Quanto às oscilações dos factores centrais, a «família» continua a ter o seu máximo no projecto auto-centrado e o mínimo no quotidiano auto-centrado; o «grupo de amigos» aparece, outra vez, ligado ao quotidiano sócio-centrado.

Vimos como, nas suas representações e nos seus valores, os estudantes universitários revelam significativas proximidades. Sem embargo de todas as diferenças de intenções que

se possam traduzir em modos de estar na Universidade, factor presente nas convergências verificadas será certamente o projecto de futuro que os levou à instituição. Também a própria dominância, que alguns sectores — de origem burguesa e sobretudo pequeno-burguesa — têm longamente conservado no ensino superior, não deixará de contribuir para comunicar aos estabelecimentos que o ministram lógica específica, reproduzida e confirmada pelos mecanismos de socialização, e influenciar aqueles que, por terem percorrido trajectos não modais, poderiam, de outro modo, manifestar mais acentuadas diferenças de representações e comportamentos.

Mas, como se viu, com as convergências coexistem especificidades. Acerca destas é mais possível por ora fazer conjecturas do que propor verdadeiras explicações, já que só com a análise de novos aspectos e o prolongamento do estudo longitudinal se poderá ir obtendo algumas respostas. Se os valores e as representações variam claramente com a idade dos estudantes — para voltar a um exemplo que encontramos — o essencial será saber que contribuição e que peso nessa variação se deve atribuir a efeitos de percurso e trajecto — isto é as concretas experiências estruturantes por que uns passaram e outros não — e os que podem resultar da idade propriamente dita, resumo biológico de mudanças no sistema de disposições.

Uma coisa é certa. Se as convergências, sem deixarem de pôr problemas por vezes complexos de interpretação, securizam quem estuda a realidade, as especificidades que encontramos revelaram também distribuições padronizadas, não aleatórias, que ficam apenas à espera de mais evidências e de mais talento para a produção de explicações convincentes. ■

**Referências
Bibliográficas**

- Almeida, João Ferreira 1986 *Classes Sociais nos Campos*. Lisboa: ICS.
- Almeida, João Ferreira; Costa, António Firmino; Machado, Fernando Luis 1988 «Famílias, Estudantes e Universidade — painéis de observação sociográfica». *Sociologia — problemas e práticas*, n.º 4.
- Bertaux, Daniel 1978 *Destinos pessoais e estrutura de classes*. Lisboa: Moraes.
- Bourdieu, Pierre 1979 *La distinction*. Paris: Minuit.
- Cathelat, Bernard 1985 *Styles de Vie*. Paris: Éditions d'Organization, (2 vol.).
- Ferrão, João 1985 «Recomposição social e estruturas regionais de classes (1970-81)». *Análise Social*, n.º 87-88-89.
- Giddens, Anthony 1975 *A Estrutura de Classes das Sociedades Avançadas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Giddens, Anthony 1984 *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity Press.
- Habermas, Jürgen 1985 «A nova opacidade: a crise do Estado-Providência e o esgotamento das energias utópicas». *Comunicação e Linguagens*, n.º 2.
- Harding, Stephen; Phillips, David; Fogarty, Michael 1986 *Contrasting values in Western Europe*. London: Macmillan
- Inglehart, Ronald 1977 *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles among Western Publics*. Princeton: Princeton University Press.
- Offe, Claus 1985 «New Social Movements: Challenging the Boundaries of Institutional Politics». *Social Research*, vol. 52, n.º 4.
- Parkin, Frank 1979 *Marxism and class theory: a bourgeois critique*. London: Tavistock.
- Parsons, Talcott 1951 *The Social System*. New York: The Free Press.
- Poulantzas, Nicos 1974 *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui*. Paris: Seuil.
- Rokeach, Milton 1973 *The nature of human values*. New York: the Free Press.
- Stewart, A.; Prandy, K; Blackburn, R. 1980 *Social Stratification and Occupations*. London: Macmillan.
- Stoetzel, Jean 1983 *Les valeurs du temps présent*. Paris: P.U.F..
- Wright, Erik Olin 1985 *Classes*. London: Verso.